Ensino de Arte em ONG: possibilidades para inclusão

Helene Paraskevi Anastasiou
UDESC/CEART
Neli Klix Freitas
UDESC/CEART

Resumo: Este artigo trata do Ensino de Arte em ONG e a importância da interação social que acontece nesse ensino para a inclusão. Utiliza como aporte teórico Vygotsky, que fala sobre o desenvolvimento, o processo de aprendizagem e a imaginação. Descreve um grupo de encontros de ensino de Arte realizado em uma ONG, em Florianópolis, SC, que atende pessoas com Síndrome de Down. As atividades ocorreram em 2011 com um grupo de sete participantes com idades acima dos 18 anos.

Palavras-chave: ensino de arte; ONG; Síndrome de Down.

A Síndrome de Down e a ONG

Para situar as ações relatadas destacamos inicialmente o conceito de Síndrome de Down e a função das ONGs. A pesquisa pretende demonstrar como a mediação com pessoas com síndrome de Down pode possibilitar a interação entre o mundo externo e interno do indivíduo promovendo discussões, criações textuais e produções visuais.

A Síndrome de Down é uma condição genética, causada pela presença de um cromossomo 21 extra, total ou parcialmente, que leva o indivíduo a apresentar uma série de características físicas e mentais, como dificuldade de fala, comprometimento na coordenação motora e dificuldade de aprendizado, entre outras.

É importante destacar que uma pessoa não é igual à outra, tanto em suas dificuldades quanto em suas possibilidades e que, como todas as pessoas, são capazes de ampliar suas capacidades cognitivas e criativas e suas possibilidades de aprendizado.

As possibilidades estão ali para todos. Observa-se que, quanto mais cedo inicia-se um trabalho de estimulação com essas pessoas com Síndrome de Down, maior tende a ser o desenvolvimento de sua autonomia.

No entanto, independente da idade, as possibilidades se expandem na medida em que se procura ampliá-las. Não nos cabe julgar as conquistas de cada um em seu processo de desenvolvimento e superação pessoal, mas observa-se que

quando existe desejo de se ampliar essas possibilidades ou aprendizados, ou que a mediação consegue despertar esse desejo interno, as conquistas são alcançadas, o que podemos observar com clareza nos relatos das atividades.

Na década de 90, segundo Sassaky (1997), dentro da área da arte o processo de inclusão de pessoas com deficiência começa a acontecer através do desempenho com trabalhos artísticos de ótima qualidade e de grupos que se organizam para promover, através das artes e da cultura, o desenvolvimento dessas pessoas com necessidades especiais.

Hoje na sociedade, as ONGs têm ocupado a função de suprir algumas necessidades da população que não são supridas pelo governo. De acordo com Emile Boudens (2000, p.3.):

> "a Constituição Federal em vigor não só reconhece a importância da colaboração da iniciativa privada na execução de tarefas consideradas eminentemente públicas – porque destinadas à coletividade como tal -, mas também consolida uma relativamente longa tradição de incentivos às associações que, de forma desinteressada e sem visar lucro, se dedicam a causas, digamos, humanitárias."

Assim, para se constituir uma ONG, o grupo de pessoas que pretende criar a instituição deve se formar como pessoa jurídica privada, sem fins lucrativos e depois fazer as solicitações de concessão do título de utilidade pública federal.

As ONGs fazem parte do chamado "Terceiro Setor": "na verdade, a expressão Terceiro Setor vem sendo utilizada em contraposição à idéia de que o primeiro setor é constituído pelo Estado, incapaz de promover sozinho o bem-estar social, e de que o segundo é formado pelo mercado, que se interessa apenas pela produção de bens e serviços que dão retorno (Rodrigues, 1997)."[1] Em contrapartida o estado irá isentar de impostos toda pessoa jurídica com título de utilidade pública federal. Para conseguir esse título a instituição, de acordo com o DECRETO Nº 2.536, DE 6/4/98 que "Dispõe sobre a concessão do Certificado de Entidade de Fins Filantrópicos a que se refere o inciso IV do artigo 18 da Lei nº 8.742, de 07 de dezembro de 1993, e dá outras providências"[2]: é preciso, entre outras coisas, atuar no sentido de promover o bem estar social podendo realizar ações de prevenção, habilitação e

[1] In BOUDENS, Emile. Terceiro Setor, Legislação. Estudo, 2000. Câmara dos Deputados Praça dos 3 Poderes Consultoria Legislativa, Anexo III – Térreo, Brasília – DF.

[2] DECRETO Nº 2.536, DE 6/4/98 in BOUDENS, Emile. Terceiro Setor, Legislação. Estudo, 2000. Câmara dos Deputados. Praça dos 3 Poderes. Consultoria Legislativa .Anexo III – Térreo. Brasília - DF

reabilitação de pessoas portadoras de necessidades especiais e demonstrar que a entidade beneficente de assistência social, nos três anos imediatamente anteriores ao requerimento, estava legalmente constituída no País e em efetivo funcionamento, prestar contas de suas movimentações financeiras e não receberem "seus diretores, conselheiros, sócios, instituidores, benfeitores ou equivalentes remuneração, vantagens ou benefícios, direta ou indiretamente, por qualquer forma ou título, em razão das competências, funções ou atividades que lhes sejam atribuídas pelos respectivos atos constitutivos."[3]

A importância da interação social no processo de ensino-aprendizagem

Vygotsky (1984, 1996, 2003) mostrou seu interesse pelo processo criador. Segundo ele, intelecto e emoções, pensamento e sentimento, conhecimento e afetividade não caminham separados. E é essa tensão entre os processos mentais superiores que move a criação humana. Portanto, e nessa direção concordamos com Leite (1998, p. 133), "o processo de criação não está desvinculado da cognição – ao contrário! Ele interpõe fantasia e realidade, e é basicamente, um processo de (re)construção".

Vygostky (2003) discorda da idéia de que a obra de arte é apenas expressão do sentimento, mas entende-a como fruto da criação humana, do trabalho, expresso na linguagem e pela linguagem, em toda a sua multiplicidade de formas.

Pode-se afirmar, portanto, que uma pessoa nada cria e que nada pode ser criado sem referências anteriores, sem pertencer à rede coletiva do conhecimento. Esse processo ocorre nas interações sociais. Pode-se questionar: como podemos pensar em algo de que não temos referências? As interações sociais são imprescindíveis nessa dinâmica e, por meio delas podemos ampliar o leque de conhecimentos e nossa capacidade de interlocução por meio de distintas formas de linguagens.

Segundo Vygotsky (1984), o desenvolvimento humano não é compreendido como a decorrência de fatores isolados que amadurecem, nem tampouco de fatores ambientais que agem sobre o organismo controlando seu comportamento. Ocorre por meio de trocas recíprocas, que se estabelecem durante toda a vida, entre indivíduo e meio, cada um deles interferindo sobre o outro.

[3] DECRETO Nº 2.536, DE 6/4/98 in BOUDENS, Emile. Terceiro Setor, Legislação. Estudo, 2000. Câmara dos Deputados. Praça dos 3 Poderes. Consultoria Legislativa. Anexo III – Térreo. Brasília – DF.

O ponto de vista de Vygotsky sobre o desenvolvimento humano leva em consideração que a estrutura fisiológica, o que é inato, não é suficiente para produzir o indivíduo humano, na ausência do ambiente social. As características individuais, como o modo de agir, pensar, sentir, assim como os valores, visão de mundo, dentre outros dependem da interação do ser humano com o meio físico e social. Vygotsky destaca a ação recíproca existente entre o organismo e o meio, e atribui importância ao fator humano presente no ambiente (VYGOTSKY, 1987; REGO, 1995).

Vygotsky (1984) ressalta que os fatores biológicos prevalecem sobre os sociais somente no início da vida da criança. Gradativamente, as interações com seu grupo social e com os objetos de sua cultura passam a governar o comportamento e o desenvolvimento do pensamento.

Em sua obra, juntamente com a abordagem sobre o desenvolvimento, Vygotsky enfatiza a importância dos processos de aprendizado. Para ele, desde o nascimento da criança, o aprendizado está relacionado ao desenvolvimento e é "um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas" (VYGOTSKY, 1984, p. 101)

Nessa perspectiva, é o aprendizado que possibilita e movimenta o processo de desenvolvimento "o aprendizado pressupõe uma natureza social e específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que a cercam" (VYGOTSKY, 1984, p.99).

Pode-se considerar, com base nos postulados de Vygotsky, que a interação social e a relação com os outros é essencial para o desenvolvimento e a aprendizagem dos seres humanos.

O grupo em atividade

Levando em consideração esses conceitos acerca do desenvolvimento e aprendizagem e as possibilidades do ensino de Arte com pessoas com Síndrome de Down em ONG, foi realizada uma ação educativa com um grupo de sete sujeitos. A ação constituiu-se de nove encontros, quando foram realizadas colagens e pinturas em grupo com esses participantes, todos com Síndrome de Down e com idades acima de 18 anos.

Os integrantes do grupo decidiram que o tema das colagens seria *Pessoas Diferentes*. Então foi realizada uma grande coleta de imagens em revistas, buscando todos os tipos de pessoas. Foi conversado com o grupo como as pessoas poderiam apresentar suas diferenças e como percebíamos no outro e em nós mesmos essa questão.

Os participantes, embora em alguns momentos apresentassem dificuldades motoras ao recortar as imagens da revista, realizaram uma coleta vasta de imagens. O tempo para a coleta de imagens e para a composição dos primeiros trabalhos acabou sendo maior do que se pensava até ser completada a primeira dupla de trabalhos realizados em grupo, conforme pode ser observado nas imagens a seguir.



Figura 1 - O grupo trabalhando



Figura 1 - Algumas escolhas

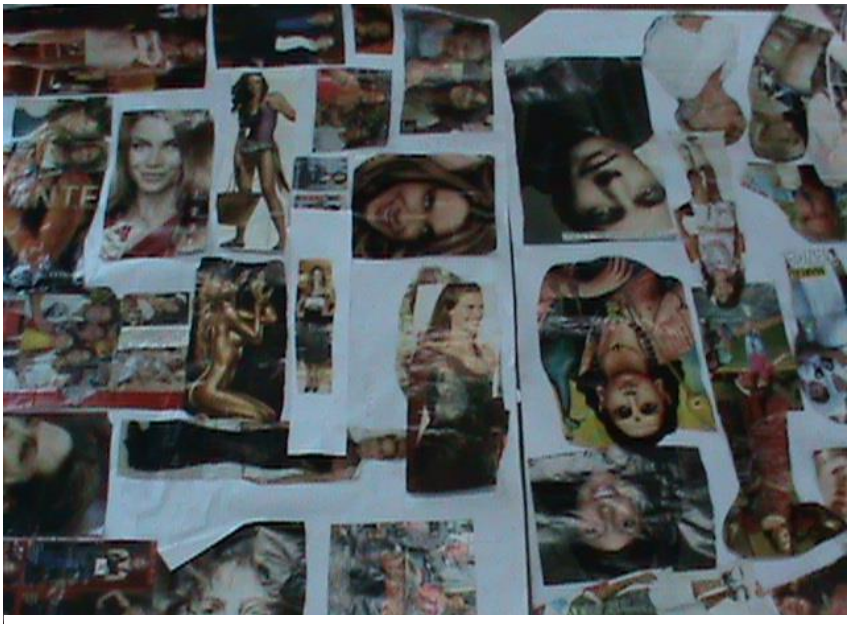

Figura 3 - Detalhes da colagem



Figura 4 - Detalhes da colagem



Figura 5 - Detalhes da colagem

Percebemos, na escolha das imagens, que embora as revistas apresentem quase sempre um mesmo "tipo" de pessoa e a apresente como a única opção, os integrantes do grupo de fato buscaram várias possibilidades de imagens, com pessoas, com diferentes religiões, tamanhos, idades diversas, etc.

Os integrantes do grupo apresentaram níveis diversos de integração no momento do trabalho coletivo. Ao sair da proposta na qual cada um realizava seu desenho individualmente e entrar no trabalho, coletivo observamos claramente um conflito[4], na busca por espaço e organização. Alguns que apresentavam características de liderança tiveram dificuldade de trabalhar em conjunto e dividir o suporte de colagem quando suas opiniões e modo de realizar o trabalho divergia dos demais. Todos, no entanto apresentaram-se satisfeitos com os resultados e mostraram-se abertos para a continuação da proposta, que foi a realização de uma colagem com suporte maior 1,20 x 1,50 m e a utilização de pinturas e desenhos para completar o trabalho em conjunto.

[4] Brigaram entre si por espaço (no papel) para colar as imagens escolhidas, sendo necessária a mediação da pesquisadora para apaziguar o conflito.



Figura 6 - Imagem de detalhe do mural de colagem e pintura

Percebemos por parte do grupo uma preocupação com a organização da sala, revelando um possível aprendizado anterior de organização e da necessidade de limpar o locar de trabalho. Um dos participantes, enquanto fazia seus recortes disse, mesmo sem a solicitação anterior da mediadora:

Participante: Depois eu junto!

Mediadora: Depois você junta o quê?

Participante: Depois eu junto tudo, vou deixar limpo (se referindo ao espaço de trabalho).

Uma das participantes demonstra satisfação ao encontrar uma imagem de uma criança com Síndrome de Down.

Participante: Achei! Um downzinho!

É relevante destacar que de todo o recolhimento de imagens realizado pelo grupo, e apesar de termos procurado em várias revistas com diversos temas, essa foi a única imagem de uma pessoa com Síndrome de Down encontrada. O fator cultural e a questão da identificação com uma imagem de revista aparecem e podem nos fazer refletir sobre quanto falta para chegar a uma inclusão social pretendida.

Considerações Complementares

Para esse trabalho foram trazidas algumas questões relativas ao ensino de arte, para pessoas com Síndrome de Down em um ambiente não-formal de ensino (a ONG).

Fomos recebidos com entusiasmo na instituição, que proporciona uma possibilidade para um grupo de pessoas de efetivar um aprimoramento de seus conhecimentos ao disponibilizar aulas de informática, reforço pedagógico, pintura, artesanato, entre outras. Ou seja, o ambiente de trabalho é um determinante importante na realização dos encontros.

Para a realização dessas mediações dentro de uma proposta de inclusão e dos paradigmas da pesquisa-ação foi de extrema importância o contato da mediadora com os participantes e com a ONG, local que os participantes freqüentam durante o dia e assim estabelecem ligações com as pessoas e as atividades. Mantoan (2004) fala da importância desse contato, desse estar com o outro:

> "Estar com o outro tem a ver com quem é o outro esse desconhecido, esse enigma, que tenho de decifrar, para saber quem ele é e que vai sendo desvelado, reconhecido na medida em que se constrói entre nós uma relação, um vínculo responsável por nossa constituição como seres que não se repetem e pela construção de identidades móveis, voláteis, não fixadas, nem de fora e nem de dentro de nós mesmos."

Tendo como parâmetros a mediação e a interação social, a análise dos dados recolhidos na pesquisa abre caminho para reflexões a respeito da importância da cultura, do ensino de arte e da inclusão neste processo. Na mediação é fundamental ter em vista que a pessoa com necessidades especiais, além de ser um indivíduo único, está inserida em uma comunidade e está em contato com diversas pessoas com níveis diversos de desenvolvimento. Essas pessoas interferem no mundo a sua volta, que por sua vez, faz parte e modifica o indivíduo, com suas vivências, experiências e interações.

Essa pesquisa deu vazão a uma série de reflexões e considerações acerca dos processos de educação e inclusão social na atualidade. Os desafios decorrentes da falta de estudos nessa área na formação dos professores podem e estão sendo aos poucos, superados pelas pesquisas, relatos de vivências sobre a inclusão sócio-educativa e possibilitando mudança nos currículos dos cursos de formação.

As políticas públicas vêm abrindo caminho para essa inclusão e é papel da sociedade se preparar para, com a mudança da mentalidade excludente e a aceitação do diferente, abrir caminhos e espaços para que as pessoas com necessidades especiais possam fazer parte dessa sociedade de forma ativa e autônoma.

Nesse sentido o ensino de arte e a mediação que ocorre neste processo podem preparar e ser meio de atuação do indivíduo na sociedade.

Percebemos que os participantes se apropriam das técnicas apresentadas para elaborar seus trabalhos, utilizando-se da imaginação evocadora, onde exercitam as instruções que a mediadora apresenta, e avançando para o uso da imaginação combinatória, criando seus próprios trabalhos e imagens e estabelecendo relações com seu cotidiano e referências anteriores.

Ao participarem dos encontros captamos a disponibilidade e a alegria na realização das atividades propostas. A adesão foi positiva por parte de todos os participantes.

Salientamos, ao final, a importância da realização de novas pesquisas nesta temática, que poderão contribuir para a reflexão e identificação de novas estratégias de ensino e sobre a importância da inclusão educacional e social de pessoas com necessidades especiais. A questão da inclusão e da mediação docente com pessoas com necessidades Educativas especiais, são áreas que se abrem e apresentam cada vez mais questionamentos.

Referências

BOUDENS, Emile. *Terceiro Setor, Legislação. Estudo*, 2000. Câmara dos Deputados Praça dos 3 Poderes Consultoria Legislativa, Anexo III – Térreo, Brasília – DF.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *O direito à diferença nas escolas:* questões sobre a inclusão escolar de pessoas com e sem deficiências. Revista Educação Especial; edição: 2004 - N° 23. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2004/01/a2.htm>. Acesso em: 17 set. 2010.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*/ Teresa Cristina Rego. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SASSAKI, Romeu Kazumi. *Inclusão- Construindo uma sociedade para todos.* Rio de Janeiro: WVA, 1997.

VYGOTSKY, Lev.Seminovich. *Psicologia Pedagógica.* São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, Lev. Seminovich. *Formação Social da Mente.* São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, Lev S. *La Imaginación y la Arte en la Infancia*. Espanha: Akal, 1996

VYGOTSKY, Lev. Seminovic. Art y *Imaginación in Infanzia*. Akal: Madrid, 2003.

VYGOTSKi, Lev Seminovich. Los Problemas Fundamentales da la Defectologia. In: *Obras Escogidas V.* Madrid:Visor, 1997.